

CEDI - P. I. B.
DATA 23/09/93
COD 40009034

OPAN

Cuiabá, 17 de setembro de 1993.

Márcio Santilli
NDI
Brasília - DF

Prezado Márcio,

Estamos enviando para o conhecimento dos com-
panheiros do NDI, cópia da representação encaminhada a Procu-
radoria da República em MT, referente a construção ilegal de
hidroelétricas no Rio Juruena.

Sem mais, um grande abraço.



Ednelson Souza Pereira (Makuxi)
Coordenador Financeiro

Fone: (065) 322-2980
Telex: 65-2212 opan

Sede:
Av. Ipiranga, 97
Bairro Goiabeira
Cuiabá - Mato Grosso

Correspondência:
Caixa Postal 615
78.001 - Cuiabá-MT
Brasil

OPERAÇÃO ANCHIETA
CGC 93.017.325/0001-68

OPAN

Cuiabá, 03 de setembro de 1993.

Exmo. Sr.
Procurador da República
Ministério Público Federal
Cuiabá - MT

RECEBIMENTO
Aos 10 de 09 de 1993
recebi os presente autos.
(14:35 horas).
Recepção - PR/MT

Prezado Senhor.

Vimos trazer informações acerca de construção de uma usina hidroelétrica no rio Juruena, e solicitar providência legais desta Procuradoria.

Fomos informados em junho de 1993 que a Agropecuária Maggi situada no município de Campo Novo do Parecis-MT (distrito de Sapezal), pertencente ao Grupo Semaggil, de propriedade do Sr. Blairo Borges Maggi, estaria construindo uma hidroelétrica no rio Juruena. Na ocasião, o indigenista Floriano L. da Silva Júnior, da Operação Anchieta - OPAN, que atua junto ao povo Enawene-Nawe, cuja área é atravessada pelo Juruena, enviou ofício ao Departamento Nacional de Aguas e Energia Elétrica - DNAEE solicitando maiores informações a respeito da referida usina.

Em resposta a essa solicitação, o Sr. Gastão Luiz de Andrade Lima, Diretor do DNAEE, informou que a Agropecuária Maggi havia solicitado daquele Departamento autorização para construção de uma usina no rio Juruena em fevereiro de 1992. Porém tal solicitação não atendia os requisitos da Norma nº 4, aprovada pela portaria DNAEE nº 125, de 17 de agosto de 1984. Portanto, a referida Agropecuária não obteve aprovação do projeto e não estava autorizada para realizar as obras pretendidas.

Outrossim, ainda no mês de junho último, os índios Enawene-Nawe verificaram alteração no aspecto das águas do rio Juruena, que se tornaram barrentas. Também os Rikbaktsa, cuja área situa-se a mais de 100 Km a jusante daquele rio, alertaram para o turvamento das águas do Juruena em diversas ocasiões, fenômeno este totalmente estranho. Comenta-se na região que o barramento feito pela Agropecuária Maggi teria rompido, o que teria causado as alterações verificadas.

Fo. (065) 322-2980
Telex: 65-2212 opah

Sede:
Av. Ipiranga, 97
Bairro Goiabeira
Cuiabá - Mato Grosso

Correspondência:
Caixa Postal 615
78.001 - Cuiabá-MT
Brasil

OPERAÇÃO ANCHIETA
CGC 93.017.325/0001-68

A OPAN repassou estas informações tanto ao DNAEE , quanto à Secretaria Estadual de Meio Ambiente, ao Ministério de Meio Ambiente e a várias instâncias da FUNAI. Todavia, nenhuma providência foi tomada por tais órgãos para verificar os fatos e coibir os prováveis danos ambientais que, evidentemente, acarretarão prejuízos aos povos Enawene-Nawe e Rikbaktsa que dependem do rio Juruena para suas atividades de pesca.

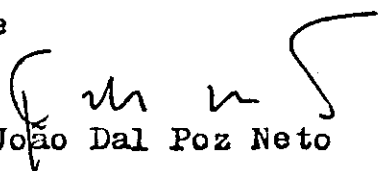
A recusa do DNAEE em conceder a autorização para " construção de tal usina indica, claramente, sua inadequação e os riscos ao ecossistema da região, com consequências para as condições de vida dos povos indígenas e ribeirinhos que habitam às margens do rio Juruena.

Estranhamos por isso mesmo, a recente matéria publicada pelo Jornal A GAZETA, em 29/08/93, intitulada "Sapezal consolida sua economia", a qual salienta a existência de uma usina instalada no rio Juruena de 400 Kva e anuncia a finalização de outra de 5.000 Kva, que seria depois expandida para " 12.000 Kva. Tem-se aí, da mesma maneira, a comprovação de que " tais usinas foram efetivamente construídas pelo Grupo Maggi,

Com base nestas informações, vimos solicitar providências desta Procuradoria no sentido de averiguar informações bem como acionar os dispositivos legais para embargar e remover tais construções, uma vez verificada sua irregularidade e impactos prejudiciais ao meio ambiente e aos povos indígenas.

Sendo o que tínhamos para o momento, nos colocamos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente


João Dal Poz Neto

Coordenador geral da OPAN

Anexos:

- Ofício Equipe Enawene-Nawe
- Ofício 40/DNAEE
- Matéria A GAZETA, 29/08/93
- Portaria 464/MJ/93
- Folder A TERRA ENAWENE-NAWE

Fone: (065) 322-2980

Telex: 65-2212 opah

Sede:
Av. Ipiranga, 97
Bairro Goiabeira
Cuiabá - Mato Grosso

Correspondência:
Caixa Postal 615
78.001 - Cuiabá-MT
Brasil

OPERAÇÃO ANCHIETA
CGC 93.017.325/0001-68

A TERRA ENAWENE-NAWE

“Uma sociedade indígena entre nós”

Os povos indígenas em Mato Grosso

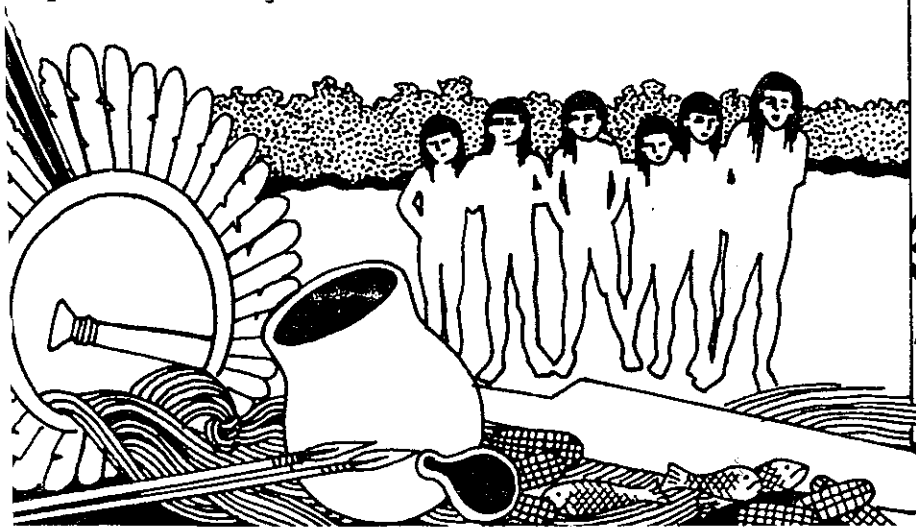
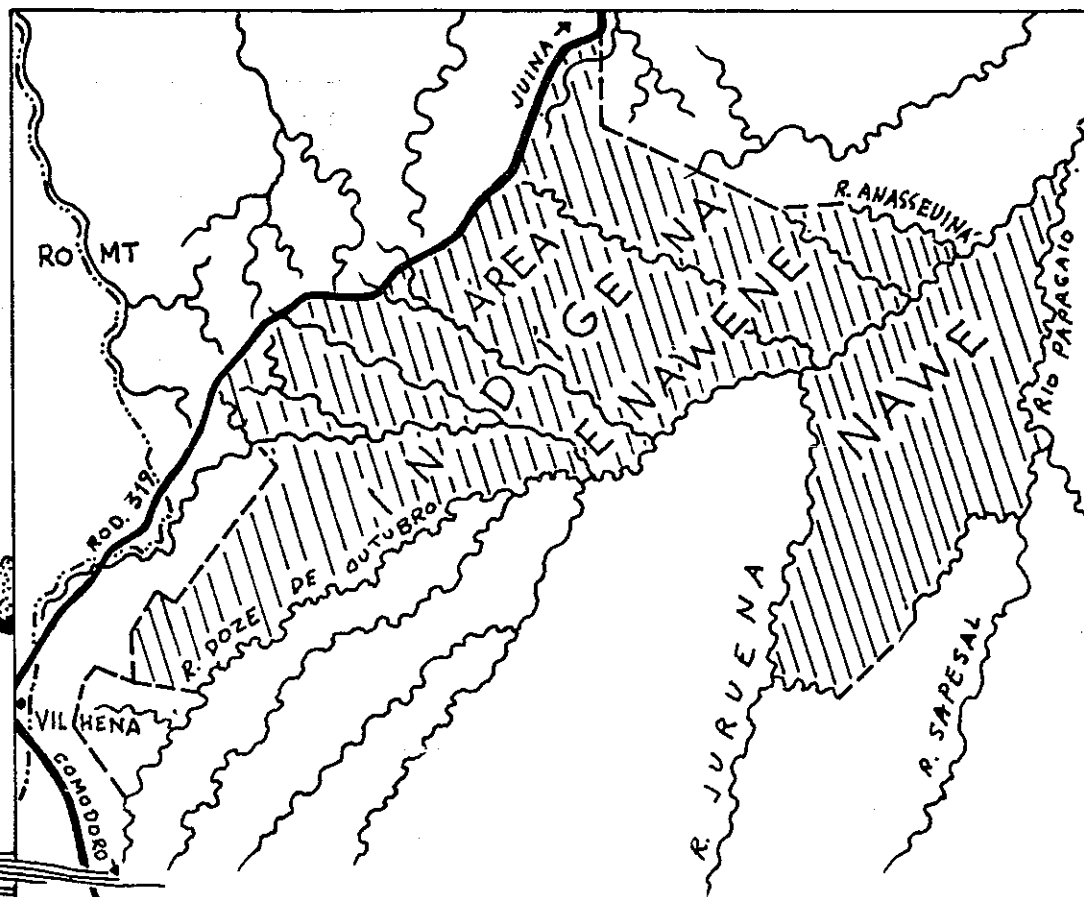
Mais de 35 povos indígenas habitam no Estado de Mato Grosso. com suas culturas e línguas próprias e usufruindo com equilíbrio e sabedoria dos recursos que a natureza oferece, os povos indígenas significam uma imensa riqueza humana, histórica e cultural para toda a humanidade.

Estes povos, que sobreviveram e resistiram heroicamente aos massacres, agressões e ameaças, possuem o direito indiscutível de continuar sua existência como sociedades e culturas diferenciadas, nas terras que são a base de sua integridade. Tais direitos estão assegurados pela Constituição brasileira e foram, igualmente, reconhecidos pela Constituição Estadual.

Apesar de oficialmente delimitada, a área indígena continua sendo ameaçada pela ação de grileiros, madeireiros e garimpeiros e, mais recentemente, pelos planos de construção de hidrelétricas e de prospecção de petróleo na região. Frente a isto, conscientes da importância de serem eles próprios a fiscalizar e defender seu espaço vital, os Enawene-Nawe tomaram a iniciativa de, com o apoio da OPAN, abrir as picadas e demarcar os limites de suas terras.

O povo Enawene-Nawe

Os Enawene-Nawe, cujo território situa-se nos municípios de Juina, Campo Novo dos Parecis e Comodoro, no noroeste de Mato Grosso, vivem inteiramente segundo sua organização social e sua economia tradicional, assentada na exploração intensiva dos cursos fluviais da região. Eles falam uma língua bastante semelhante à de seus vizinhos Paresi, classificada na família linguística Aruak.



ARTE
Maurício Barcellos



Projeto Enawene-Nawe

Nestes quase 20 anos de convivência com a sociedade nacional, os Enawene-Nawe praticamente não sofreram mudanças culturais ou depopulação, como geralmente acontece com os povos indígenas recém-contatados. Ao contrário, sua população dobrou neste período, somando agora 228 pessoas.

Exímios pescadores, empregam técnicas engenhosas para a captura dos peixes, um dos itens essenciais de seu cardápio. Bons agricultores, cultivam extensas plantações de milho, mandioca, batata, feijão e amendoim. Através da agricultura, da pesca e da coleta de mel e frutas silvestres eles obtêm uma alimentação farta e variada e mantêm-se sempre saudáveis e fortes. Apenas as doenças que são transmitidas pela população envolvente, como gripe e malária, trazem problemas para a saúde dos Enawene-Nawe.

Sua aldeia principal está localizada às margens do rio Iquê. As casas são feitas de palha de buriti e dispostas num grande círculo, em torno da casa-das-flautas.

Durante alguns meses por ano os homens

OPAN - Operação Anchieta
Caixa Postal 615
78005-970 Cuiabá-MT
Fone: (065) 322 2980



saem da aldeia e dirigem-se aos acampamentos localizados no rio Juruena e seus afluentes, onde fazem barragens de pesca e plantam novas roças de milho. Ao retornar para a aldeia, celebram sua religiosidade em grandes cerimônias, fazendo ofertas de comida, tocando flautas, cantando e dançando no terreiro e no interior das casas.

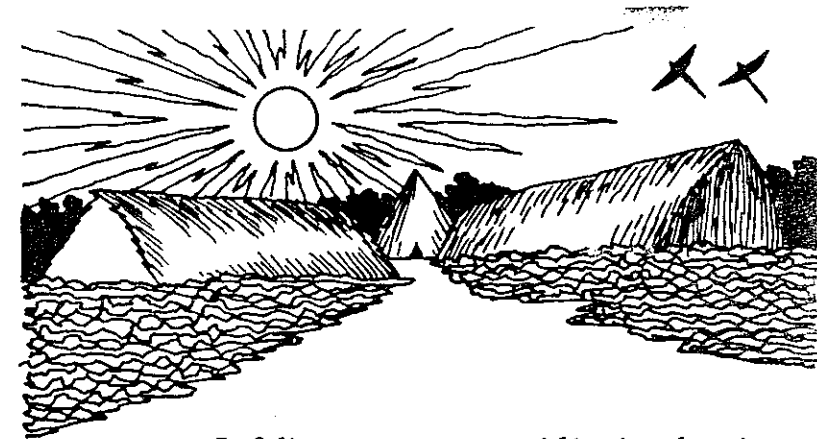
O trabalho indigenista

No início do século os expedicionários da Comissão Rondon, que começavam a construção da linha telegráfica, souberam pelos Paresi que dois grupos aparentados deles viviam na margem esquerda do Juruena, os Oazané (que faziam canoas de casca e só comiam peixes e algumas aves) e os Salumá (que comiam animais de caça, como os Paresi). Mas não se conseguiu então encontrá-los.

Em 1968 o sertanista João Peret, da FUNAI, sobrevoou a região dos rios Camararé e Primavera e avistou uma aldeia em forma de estrela, mas os índios reagiram e jogaram flechas no avião.

Foram os missionários Thomaz Lisboa e Vicente Canhas, da Missão Anchieta (MIA), que visitaram em 1974 a aldeia do rio Camararé, sendo ali recebidos amistosamente pelos Enawene-Nawe. Pensava-se, porém, que eram os tais Salumá referidos por Rondon, e é por este nome que eles são ainda conhecidos na região.

A Missão Anchieta e a OPAN passaram a prestar assistência ao povo Enawene-Nawe e, ao mesmo tempo, pressionavam os órgãos governamentais para a demarcação de suas



terras. Infelizmente as providências legais demoraram, e várias tentativas de invasão do território indígena resultaram em violências e mortes. Em abril de 1987 o ir. Vicente Canhas foi emboscado e morto no seu acampamento às margens do Juruena, provavelmente a mando de grileiros e invasores da área indígena. Até hoje os assassinos continuam impunes.

Atualmente uma equipe da OPAN vem dando continuidade ao trabalho de Vicente Canhas junto aos Enawene-Nawe, atendendo à saúde, buscando alternativas que fortaleçam sua economia e apoiando a demarcação de suas terras.

A área indígena Enawene-Nawe

Depois de muitas idas e vindas, a área indígena foi afinal delimitada pela Portaria 464-MJ, de 13 de outubro de 1991. Com 752 mil hectares, a área abrange a maioria dos cursos d'água, cerrados e pequenas matas necessários à vida dos Enawene-Nawe, dentro dos seguintes limites: leste, córrego Sapezal e rio Papagaio; norte, rio Juruena, córrego Anasseuiná e cabeceiras do rio Preto; oeste, a estrada MT-319 (ou AR-1, Juina-Vilhena); e sul, as áreas indígenas Pirineus de Souza e Nambiquara.

Sapezal consolida sua economia

Distrito prepara-se para emancipação com base na expansão de sua área produtiva

Da Redação

Situado no Chapadão dos Parecis, a maior e uma das melhores áreas agrícolas contínuas do mundo, o município de Sapezal, hoje distrito de Campo Novo do Parecis, prepara-se para sua emancipação, que deverá acontecer em abril do próximo ano. A região compreendida entre os rios Papagaio e Juruena e entre os paralelos 13 e 14, cultivou na safra passada (92/93) algo em torno de 90.000 hectares de soja, gerando uma produção de aproximadamente 216.000 toneladas ou 3.600.000 sacas, o que proporcionou uma arrecadação de ICMS superior a quatro milhões

de dólares, capaz de superar a soma da arrecadação de meia dúzia de municípios da Baixada Cuiabana, para a próxima safra (93/94). Sapezal plantará 120.000 hectares de soja, que somados ao milho e arroz totalizarão 140.000 hectares, cuja produção esperada será em torno de 336.000 toneladas de grãos, ou 5.600.000 sacas.

Sapezal está a 980 km de Porto Velho (RO) e com a navegação do rio Madeira a soja da região alcançará preços melhores. "Estamos na maior região agrícola do mundo, nossos rios são mais limpos e nossa produtividade é maior que a média dos norte-americanos" dizem os agricultores. Além das culturas de soja, arroz e milho, já existem estudos por parte do grupo Maggi para implantação de uma usina de álcool e açúcar, que propicia ao produtor de cana uma receita bruta de mil dólares por hectare/ano, e tem como vantagens adicionais a ocupação das máqui-

nas ociosas na entressafra e a geração de empregos. A fruticultura tropical, a mandioca, o algodão, o feijão, a suinocultura, a bovinocultura de corte e leite, e a instalação de agroindústrias, serão sem dúvida as próximas alternativas para consolidação da economia da região.

A criação do núcleo urbano proporcionará melhores condições de abastecimento, saúde, educação e lazer para as famílias da região e também para aqueles que para lá se deslocam atraídos pela prosperidade do lugar. A futura cidade, hoje povoado, já conta com posto telefônico, posto de combustível, hotel, churrascaria, restaurantes, farmácia, supermercado e escolas modernas, uma usina hidrelétrica de 400 kva, enquanto uma segunda usina hidrelétrica com capacidade inicial de 5.000 kva e expansão para 12.000 kva está em fase final de construção; as duas usinas foram construídas pelo grupo Mag-

gi, no majestoso rio Juruena, que ainda poderá oferecer uma terceira usina hidrelétrica com capacidade bem superior às duas hoje existentes, e suficiente para garantir o progresso e a prosperidade de Sapezal até a virada do século.

A. Sapezal
29/08/93 p. 2B

Cuiabá-MT, 02 de junho de 1993.

7

OPAN

Lo
Sr. Diretor do DNAEE
Palácio do Rádio - Quadra 701
SRTVS - W3 Sul - Bloco III
Sala 506
CEP 70.000 BRASÍLIA - DF

Prezado Senhor,

Vimos solicitar informações relativas a uma usina hidrelétrica que estará sendo construída no rio Juruena, na fazenda Agropecuária MAGGI do Grupo SEMAGGIL, cujo diretor é o Sr. Blairo Borges Maggi. Esta fazenda está localizada no município de Campo Novo dos Parecis - MT.

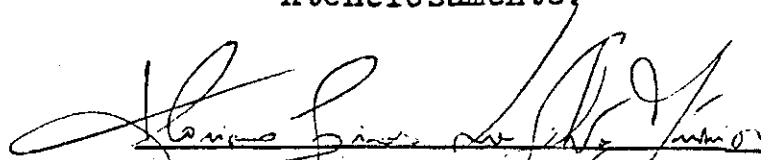
Em nosso trabalho junto aos índios Enawene Nawe, fomos informados por pessoas e imprensa da região que a já citada hidrelétrica estaria sendo construída ilegalmente nas cabeceiras do Juruena, a montante da antiga linha telegráfica construída pela Comissão Rondon.

Nesta posição a usina poderá trazer aspectos prejudiciais aos territórios dos índios Nambiquara, Enawene Nawe, Rikbaktsa situados a jusante. Inclusive os Enawene Nawe estão reclamando que a água do Juruena está barrenta, possivelmente devido a movimentação da terra nas cabeceiras.

Pedimos ao DNAEE maiores informações sobre esta usina em particular, se a mesma tem autorização ou concessão para ser ali construída e qual ou quais os seus verdadeiros proprietários.

Sendo o que tínhamos para o momento, despedimo-nos aguardando sua pronta resposta.

Atenciosamente,


Floriano Lins da Silva Junior
P/ Equipe Enawene Nawe

Com cópias para: Secretaria Estadual de Meio Ambiente,
Presidência da FUNAI, Ministro de Meio Ambiente,
Administração Regional Funai/Cuiabá-MT.
Administração Regional Funai/Tangará - MT.
Administração Regional Funai/Vilhena - RO.

Fone: (065) 322 7099

Telex: 65-2212 opah

Sede:
Av. Ipiranga, 97
Bairro Goiabeira
Cuiabá - Mato Grosso

Correspondência:
Caixa Postal 615
78.001 - Cuiabá-MT
Brasil

OPERAÇÃO ANCHIETA
CGC 93.017.325/0001-68

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
SECRETARIA DE ENERGIA

OPAN - DOCUMENTAÇÃO
A-PY/EN.01296

8

Ofício nº 401/DNAEE

Brasília, 24 de JUNHO de 1993.

Prezado Senhor,

Em atenção à correspondência de V.Sa., protocolada no dia 14 do corrente, sob o nº CGCO/DNAEE/521, na qual solicita informações referentes à construção da Pequena Central Hidrelétrica, no rio Juruena, localizada nos Municípios de Campo Novo dos Parecis e Comodoro, Estado de Mato Grosso, tenho a informar:

2.1 No Processo nº 28000.030113/91-03 a Agropecuária Maggi Ltda. solicita autorização para elaboração do projeto da PCH no rio Juruena, para uso exclusivo, localizada nos Municípios acima mencionados.

3. O projeto apresentado em 05 de fevereiro de 1992 contemplava um aproveitamento de 9.500 KW nas coordenadas 13º37'35" latitude Sul e 50º01'48" longitude Oeste que não atendia aos requisitos da Norma nº 04 aprovada pela Portaria DNAEE nº 125, de 17 de agosto de 1984.

4. Assim sendo, a Agropecuária Maggi Ltda. não obteve aprovação do projeto da referida usina, sem a qual não está autorizada a iniciar as obras, nem a concessão para o aproveitamento.

Atenciosamente,


GASTÃO LUIZ DE ANDRADE LIMA
Diretor do Departamento Nacional de
Águas e Energia Elétrica - DNAEE

À Sua Senhoria
FLORIANO LINS DA SILVA JÚNIOR
Equipe Enawenw Nawe
Operação Anchieta
Caixa Postal 615 - Cuiabá - MT

CGCO/spt/351.ofi



Ad
Diretor do DNAEE
GASTÃO LUIZ DE ANDRADE LIMA

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando, em anexo, para apreciação e assinatura de V.Sa., minuta de Ofício de interesse do Senhor Floriano Lins da Silva Júnior, prestando informações referentes à construção da Pequena Central Hidrelétrica no rio Juruena, localizado nos Municípios de Campo Novo dos Parecis e Comodoro, Estado de Mato Grosso.

Brasília, 23 de Junho de 1993.

DARIO GOMES
Coordenador-Geral de Concessões